

HISTÓRIA E FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO NO PENSAMENTO DE EUDORO DE SOUSA

HISTORY AND PHENOMENOLOGY OF RELIGION IN THE THOUGHT OF EUDORO DE SOUSA

Isaque Pereira de Carvalho Neto¹

Resumo: Artigo sobre o pensamento do mitólogo luso-brasileiro Eudoro de Sousa acerca da experiência religiosa e de seu acesso cognoscível. Acusando a insuficiência da ciência da História em lidar com a realidade própria do que é poético, filosófico e religioso, por dela se manter essencialmente distante através de uma mediação alegórica, Eudoro de Sousa enfatiza a importância decisiva da experiência imediata de um sentimento de *estranheza* ou *Mistério*, quando a tarefa do pensamento é a compreensão da autenticidade da Religião. Neste sentido é evocada a Fenomenologia da Religião, sensível à dimensão simbólica dos dramas rituais religiosos e das experiências de arrebatamento na vida cotidiana, como um saber mais apropriado à demanda a que se propõe o pensador. O cumprimento da compreensão fenomenológica da experiência religiosa se daria na Mitologia, desde que esta fosse tomada como um pensar a experiência religiosa própria dos mitos e anterior ao processo de alegorese.

Palavras-chave: História. Fenomenologia. Religião. Mitologia. Mistério.

Abstract: Article on the thought of the Luso-Brazilian mythologist Eudoro de Sousa regarding the religious experience and its knowable access. Accusing the insufficiency of the science of History in dealing with the reality of what is poetic, philosophical and religious, Eudoro de Sousa emphasizes the decisive importance of the immediate experience of a *feeling of strangeness* or *Mystery*, when the task of thought is to understand the authenticity of Religion. In this sense, the Phenomenology of Religion is evoked, sensitive to the symbolic dimension of religious ritual dramas and experiences of rapture in everyday life, as a more appropriate knowledge to the demand that the thinker proposes. The fulfilment of the phenomenological understanding of religious experience would take place in Mythology, thought of as a knowledge of the religious experience proper to myths and prior to the allegoresis process.

Keywords: History. Phenomenology. Religion. Mythology. Mystery.

O objetivo deste artigo é refletir acerca da História e da Fenomenologia no pensamento de Eudoro de Sousa (1911-1987), demonstrando, à luz da análise da manifestação do divino ou sagrado², a proeminência que o pensador luso-brasileiro atribui

¹ Doutor em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. E-mail: Idiche71@gmail.com. ORCID: 0000-0003-1815-5425.

² No pensamento de Eudoro de Sousa, Deus, ou o sagrado, se diferencia do homem e do profano, como a Origem se distingue do originado, o ilimitado do limitado, o sempiterno do que é temporal. Deus/sagrado é concebido como *Excessividade Caótica* anterior, subjacente e remanescente a qualquer diacosmese. Distinto da medida antropocêntrica ou de qualquer outra mensuração, ele é a própria desmesura a partir da qual pode haver deuses, mundos e homens determinados, bem como as suas diversas correlações. Cf. Sousa, Eudoro de. *Mitologia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980, p. 35: “[...] Deus é Excessividade Caótica, o Excesso que vem subindo do abismo sem fundo”; cf. também (Idem, p. 36): “[...] Excessividade

a esta sobre aquela enquanto perspectiva epistemológica própria à compreensão da experiência religiosa. Apesar de o ensaio *História e Mito*³ constituir o ápice das conjecturas de Eudoro de Sousa a respeito do problema que envolve o par História e Religião, a sua preocupação neste sentido já é patente em diversos artigos anteriores, o que corrobora a ideia de que no seu pensamento há uma “*essencial continuidade*” de assuntos e problemas⁴. A constatação desta obstinação filosófica de Eudoro de Sousa referente ao problema do nosso interesse justifica o propósito de especulação sobre o tema que confere título a este artigo.

O problema essencial apresentado por Eudoro de Sousa no ensaio *História e Mito*, com efeito, evidencia o zênite de amadurecimento alcançado por seu pensamento de filólogo, helenista, mitólogo e filósofo, desenvolvido ao longo de mais de quatro décadas de trajetória intelectual⁵. A insuficiência da ciência da História em lidar com ocorrências transcorridas na experiência temporal humana, mas insubmissas e indomesticáveis às categorias e aos princípios do pensamento racional, como enfatiza Eudoro de Sousa no seu derradeiro ensaio publicado ainda durante a sua vida, e a despeito dos esforços bem-intencionados dos historiadores, emerge como a imagem invertida do mito, este compreendido como experiência e linguagem próprias e religiosas do que excede à razão,

é negação de limites, de qualquer limite, de todos os limites, e se o Caótico se refere ao caos, e Caos é abismo sem fundo”.

³ Cf. Sousa, Eudoro de. *História e Mito*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

⁴ Conforme Joaquim Domingues, depois confirmado por Fernando Bastos, há, com efeito, uma “*essencial continuidade*” no pensamento de Eudoro de Sousa, patenteando uma constante preocupação a respeito de uma constelação de temas e problemas, cujo desenvolvimento é proporcional ao próprio amadurecimento intelectual do pensador. Como se verá neste artigo, a História constitui um destes motores de sua inquietação filosófica. Cf. Bastos, Fernando. “Escatologia e Soteriologia no Paganismo Mítico-Poiético e Onto-Teo-Lógico de Eudoro de Sousa”. In: Constança Marcondes César “et al”. *Mito e Cultura: Vicente Ferreira da Silva e Eudoro de Sousa. Actas do V Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: Edição Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, 2001, p. 124; cf. também: Domingues, Joaquim. “Eudoro de Sousa Perante A Filosofia Portuguesa”. In: *Idem*, p. 160.

⁵ Eudoro de Sousa dedicou quase meio século à atividade especulativa que iniciou em Portugal, passando por Alemanha e França, vindo a se estabelecer no Brasil, onde lecionou nas Universidades de Santa Catarina e de Brasília. Na Universidade de Brasília, fundou e dirigiu o Centro de Estudos Clássicos. Foi fecundo na produção e publicação de artigos, que se podem encontrar reunidos em dois volumes publicados pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda, sob os títulos *Dioniso em Creta e Outros Ensaio*s e *Origem da Poesia e da Mitologia no Drama Ritual e Outros Ensaio*s Dispersos. Entre os seus estudos publicados se encontram aqueles que Fernando Bastos denominou de “*obra programática*”: *Sempre o Mesmo Acerca do Mesmo, Horizonte e Complementaridade, Mitologia e História e Mito*. Sobre “*obra programática*” cf. Bastos, Fernando. “Escatologia e Soteriologia no Paganismo Mito-Poiético e Onto-Teo-Lógico de Eudoro de Sousa”. In: Constança Marcondes César “et al”. *Mito e Cultura. Vicente Ferreira da Silva e Eudoro de Sousa. Actas do V Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa, Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, 2001, p. 123: “*A síntese e sistematização do pensamento de Eudoro de Sousa (e consequentemente de sua idéia de mito) se verifica através do que chamamos de ‘obra programática’ e que é constituída por Horizonte e Complementaridade (1975), ao qual se vincula seu texto Sempre o mesmo acerca do mesmo (1978), Mitologia (1980) e História e mito (1981). Ressalte-se que é toda uma condensação de um pensamento que se efetua num espaço de apenas sete anos*”.

e como tal, autossuficiência do que não é a História, nem o historiável, mas o excesso de ambos. Este, pois, o problema apresentado por Eudoro de Sousa no referido ensaio e para o qual demanda solução⁶. Em seu entorno ergue-se uma circunspecta ponderação acerca de mítico, mito e Mitologia⁷, capaz de justificar a pretendida autossuficiência e cuja configuração constitui o projeto intelectual do autor de *Mitologia* e de *História e Mito*⁸.

Momento seminal da severa crítica de Eudoro de Sousa à História como um ramo do conhecimento científico o vamos encontrar no artigo “Dioniso em Creta”⁹. De certo modo tomado por perplexidade ao refletir acerca da História da Religião Grega Antiga, num empenho em demonstrar a hipótese da origem pré-helênica e oriental da celebração do sagrado entre os gregos antigos¹⁰, Eudoro de Sousa enuncia o que para si constitui uma desconcertante descoberta: “*a essência da religião grega é a sua não-historicidade*”¹¹. A assertiva significa que aquilo que habitualmente é designado pela História como Religião Grega pré-homérica, testemunhado por uma polifonia fragmentada e muitas vezes arruinada de textos poéticos e de diversos monumentos arqueológicos, não é senão a expressão de um processo pelo qual a antiquíssima experiência do sagrado, inominável e indiferente às transformações temporais, passou a ser nomeável e representável em sua

⁶ Dos estudos de Eudoro de Sousa resulta a sua convicção declarada da incapacidade da Ciência da História quanto à compreensão do Mistério, realidade própria do Mito e da Religião, através dos seus métodos habituais, embora a sua tese da “*complementaridade*”, apresentada de modo mais desenvolvido na obra *Horizonte e Complementaridade*, insinue a possibilidade de convergência entre Mito e Filosofia e, assim o entendemos, entre História e Mito. Cf. Sousa, Eudoro de. *Horizonte e Complementaridade: Ensaio Sobre A Relação Entre Mito e Metafísica, Nos Primeiros Filósofos Gregos*. São Paulo, Duas Cidades; Brasília, Universidade de Brasília, 1975. Cf. também: Carvalho Neto, Isaque Pereira de. *Mistério, Repetição e Poesia: História e Trans-Historicidade no Pensamento de Eudoro de Sousa*. Tese de Doutorado em Filosofia não publicada. Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2020.

⁷ Eudoro de Sousa diferencia mítico, mito e mitologia: o mítico é noturno regime de consciência ou realidade cognoscente fulgurante que não é vista, mas faz ver. Não tem linguagem própria (é silêncio dos deuses), mas às vezes, como relâmpagos, risca a escuridão da noite com imagens desprovidas de legendas. Essas imagens são os mitos, expressão, portanto, do mítico. A mitologia, por sua vez, é a reflexão acerca da teocriptia antropocosmogônica, bem como da antropocosmocriptia teogônica, que é a realidade do mito, expressão este do mítico. Cf. Sousa, Eudoro de. *História e Mito*: Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1981, p. 53.

⁸ *Mitologia e História e Mito* são os títulos dos dois derradeiros ensaios publicados ainda em vida por Eudoro de Sousa. Embora sejam dois livros distintos, Eudoro de Sousa os concebeu como duas partes de um mesmo estudo sob o título de *Mitologia*. Cf. Sousa, Eudoro de. *História e Mito*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981, p. 1: “*A minha primeira intenção foi dar a este escrito o nome de Mitologia II, mas, essa, frustrou-se por um erro de composição do volume precedente, pelo qual não tenho a mínima responsabilidade*”.

⁹ Cf. Sousa, Eudoro de. “Dioniso em Creta”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

¹⁰ Esta hipótese, cuja tentativa de confirmação é a discussão de fundo do artigo “Dioniso em Creta”, é derivada da tese do filólogo e helenista sueco Martin Persson Nilsson (1874-1967), desenvolvida na obra *The Mycenaean Origin of Greek Mythology* (1932). Conforme Nilsson, a mitologia e a lenda heróica grega têm ambas origem pré-homérica.

¹¹ Cf. Sousa, Eudoro de. “Dioniso em Creta”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 18.

suposta sucessão temporal, como é peculiar à abordagem da ciência da História, fazendo surgir da noite do inefável a Grécia histórica e, portanto, exprimível em sua mutabilidade diurna. A este processo Eudoro de Sousa denomina “autêntico progresso na ‘humanização’ do homem”¹², indicando uma pertinaz tentativa humana de subsumir à sua consciência vigilante e discricionária, bem como à sua capacidade de enunciação, o imponderável da experiência extático-religiosa ancestral, antes agida ou dançada no drama ritual¹³, atribuindo-lhe depreciativamente a desonrosa qualificação de fantasia ou delírio sem relevância para o conhecimento fundado e mantido pela Razão perscrutadora¹⁴.

Do que acima fica expresso resulta que para Eudoro de Sousa, a História constitui o conhecimento próprio do homem que se humaniza às custas da negação e do esquecimento daquilo que excede a sua humanidade volitiva e consciente¹⁵. A História é, portanto, uma consciência do historiável, entendendo “historiável” na acepção do que se deixa humanizar pela lógica discursiva. Nunca, todavia, um saber desta realidade inefável, indomesticável, inexaurível, sem linguagem própria¹⁶ e para a qual todas as linguagens são indiferentes¹⁷, que é a autêntica experiência religiosa, como a concebe Eudoro de Sousa, isto é, como a manifestação da *excessividade caótica*¹⁸. Sobretudo porque a História tem como um dos seus princípios fundamentais a causalidade e lhe é

¹² Cf. Sousa, Eudoro de. “Dioniso em Creta”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 21.

¹³ Por drama ritual Eudoro de Sousa entende a síntese de mito e rito (portanto, anterior à sua cisão pela poesia e/ou pela mitologia), pelo qual [...] “os deuses se apresentam aos homens e os homens conhecem a presença dos deuses”. Cf. Sousa, Eudoro de. “Mitologia e Ritual”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, p. 96. Cf. também: Sousa, Eudoro de. “Origem da Poesia e da Mitologia no Drama Ritual”. In: *Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 68, 69: “Mito e rito aparecem, aqui, como dois aspectos do mesmo fenómeno: o rito, como mito em actos, o mito, como rito em imagens. No drama, que é, por assim dizer, a viva substância da consciência religiosa, as imagens aderem intimamente aos actos; e, de tal maneira, que, acto e imagem, podem e devem ser considerados como dois pólos – o anímico e o corpóreo –, do mesmo ser vivente: o mito é corpo do rito, o rito é alma do mito, o composto é drama ritual, unitivo, pelo qual os deuses são presentes aos homens e os homens conhecem a presença dos deuses”.

¹⁴ Como é o caso da aparição dos sacrifícios dos Pelasgos na *História*, de Heródoto, referido acidentalmente e ainda assim apenas como pré-história da História Grega, ou algo obscuro e de relevância duvidosa.

¹⁵ Excede a humanidade pretensamente autárquica e autônoma, sem lhe deixar, todavia, de ser constitutivo, ainda que em dimensão abscondita, o que para Eudoro de Sousa permite ao homem e ao mundo despotenciados a metamorfose essencial da antropocosmocríptia teogônica, reverso complementar do deicídio instaurador das diacosmeses e das epocalidades.

¹⁶ Cf. Sousa, Eudoro de. “Orfeu e Os Comentadores de Platão”. In: *A Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000, p. 108.

¹⁷ Cf. Sousa, Eudoro de. “Mito Pré-Helénico e Mitologia Grega”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 137.

¹⁸ Cf. Sousa, Eudoro de. *Mitologia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980, p. 35-36.

imprescindível o recurso à documentação. A primeira queda-se inoperante na autêntica e súbita experiência religiosa, feita de aparições sem legendas¹⁹. Enquanto a segunda é inexistente quanto aos povos ante-históricos, o que confirma a limitação da ciência da História à circunscrição do que é historiável, isto é, àquilo que pode ser subsumido à Razão, o que não é o caso da experiência religiosa de ontem, de hoje e de sempre, a menos que se considere apenas os aspectos externos ou enunciáveis do seu culto ou da sua liturgia. Ainda assim, se condescendermos com a suposta existência de uma precária documentação da religião no domínio não historiável, o que se nos oferece é o imponente silêncio dos presumidos documentos só forçosamente considerados históricos, pouco numerosos, demasiado fragmentários, evidenciando a infinidade de elos perdidos para a atenção desperta do historiador, sobremaneira interessada na concatenação de antecedentes e consequentes, na intenção de perfazer uma teia significativa. Assim caracterizada, a ciência da História estabelece um ou se depara com um abismo entre, por um lado, o seu anelo e a sua sincera diligência em determinar e conhecer o objeto de sua atenção, e, por outro, a súbita manifestação da experiência religiosa. Desde esta perspectiva, Eudoro de Sousa afirma a incompatibilidade de História e Religião, ou a intransponibilidade de um horizonte que se interpõe entre os referidos lados, compreensão que confere sentido à sua constatação em “Dioniso em Creta”, a lembrar, “*a essência da religião grega é a sua não-historicidade*”²⁰, bem como constitui, quase uma década mais tarde, o *leitmotiv* do seu ensaio *História e Mito*²¹.

Se isto é verdade para o caso da História da Religião, como o pretende Eudoro de Sousa, não menos o será no caso da História da Literatura e da História da Filosofia²².

¹⁹ Cf. Sousa, Eudoro de. “Dioniso em Creta”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 205: “*Não é raro surpreender, em escritos de arqueologia e de história antiga, a perplexidade do investigador que se encontra perante ‘um livro de imagens sem texto’.* Tal é, *mutatis mutandis*, a mágoa do filólogo quando se lhe deparam os mitos referidos pelos clássicos”. A expressão “*um livro de imagens sem texto*” utilizada nesta passagem, Eudoro de Sousa a vai buscar em Martin P. Nilsson, quando o filólogo sueco denomina os monumentos da religião creto-micênica como “*a picture-book without text*”. Cf. M. P. Nilsson (1925). *A History of Greek Religion*. Oxford, p. 10. Cf. também: Sousa, Eudoro de. “Antropologia, Psicologia e ‘Clássicos’”. In: *Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 243.

²⁰ Cf. Sousa, Eudoro de. “Dioniso em Creta”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 18.

²¹ Convém, todavia, considerar que em livro anterior a *História e Mito*, ao discutir o tema do *Horizonte* como uma das cifras do *Mistério* em seu pensamento, Eudoro de Sousa desenvolve o tema da *complementaridade* entre *philosophia* e *philomyia*, enfatizando não a mútua intransponibilidade entre estes dois modos de compreensão da realidade última ou Real Absoluto, senão a sua possibilidade de congruência. Cf. Sousa, Eudoro de. *Horizonte e Complementaridade: Ensaio Sobre A Relação Entre Mito e Metafísica, Nos Primeiros Filósofos Gregos*. São Paulo, Duas Cidades; Brasília, Universidade de Brasília, 1975.

²² Para o caso do problema acerca da Religião, do Sagrado ou do Mito na História da Literatura e na História da Filosofia, cf: Sousa, Eudoro de. “Mitologia e Ritual”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução

Em ambos os casos (Literatura e Filosofia) Eudoro de Sousa assinala a limitação da compreensão lógico-discursiva objetivada na História como saber do historiável, no ímpeto de elucidar por seus métodos próprios, quer a manifestação primária do que veio a ser chamado mais tarde, respectivamente, de Poesia e de Filosofia, quer a natureza constitutiva daquilo que em seu discurso é designado por origem histórica da Literatura e da Filosofia. Cumpre esclarecer que “Origem”²³, conforme a entende Eudoro de Sousa, diferencia-se radicalmente de “início”, no sentido do que a História põe no começo (e apenas aí) de qualquer processo diacrônico. A origem constitui um “antes”, anterior ao início histórico ou àquilo que é historiável, que não passa com a passagem do tempo²⁴, permanecendo sempre idêntico a si mesmo, estando tanto no fim, quanto no meio e no começo de qualquer processo²⁵. E de se não limitar a qualquer destes momentos de uma “*transição historiável*”²⁶, a Origem é tomada por Eudoro de Sousa como o ilimitado, fundamento de todo originado que veio a ser, historiável ou não, e, como tal, *excessividade caótica*, que é a própria concepção de Deus ou do sagrado no seu pensamento. E já assinalamos a sua incongruência com a noção de História, expressa na sentença: “*a essência da religião grega é a sua não-historicidade*”²⁷.

Invariavelmente, conforme Eudoro de Sousa, as Histórias da Literatura Grega Antiga²⁸, bem como as críticas literárias da poesia Grega, quando especulam a respeito

de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 93-117; Sousa, Eudoro de. “Orfeu e Os Comentadores de Platão”. In: *Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 105-109; Sousa, Eudoro de. “A Água de Tales e A Estige de Homero”. In: *Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 125-127; Sousa, Eudoro de. “Orfeu, ou Acerca do Conceito de Filosofia Antiga (Prefácio e Posfácio de Um Livro Inédito)”. In: *Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p.129-141; o problema também é discutido demoradamente em Sousa, Eudoro de. *Horizonte e Complementariedade: Ensaio Sobre A Relação Entre Mito e Metafísica, Nos Primeiros Filósofos Gregos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1975.

²³ A grafia da palavra “Origem” com a letra inicial maiúscula atende ao modo como Eudoro de Sousa a apresenta em seus artigos e ensaios.

²⁴ Cf. Sousa, Eudoro de. *História e Mito*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981, p. 66.

²⁵ *Idem*, p. 65; cf. também: *idem*, p. 71; e ainda: Sousa, Eudoro de. “Mitologia e Ritual”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 102.

²⁶ Cf. Sousa, Eudoro de. “Origem da Poesia e da Mitologia no Drama Ritual”. In: *Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 70.

²⁷ Cf. Sousa, Eudoro de. “Dioniso em Creta”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 18.

²⁸ Para a crítica à noção de História da Literatura Grega, cf. Sousa, Eudoro de. “‘História’ e ‘Poesia’ na Tradição”. In: *Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 253-255.

do que consideram a sua origem, mas que apenas constitui o seu início histórico, incorrem num vício de princípio. Por esta perspectiva adulteradora da realidade mítica, de acordo com Eudoro de Sousa, os mitos relatados pelos poetas são interpretados desde a transposição da contemporaneidade do historiador ao passado examinado, com o agravante de a projeção no sentido “presente-passado” ser feita mediante o recurso alegórico. Sob este recurso, as realidades míticas que nos símbolos por elas expressas eram propriamente o que os símbolos manifestavam²⁹, passam a representar não o que revelavam enquanto imagens imediatas, senão concepções abstratas dos conceitos de um sistema lógico prévio à tarefa de pensar os mitos, numa equivalência forçada e redutora promovida pela referida alegorese. Neste sentido, a solução oferecida pela História da Literatura Grega à presença dos mitos na poesia dos Gregos antigos é encarcerá-los na noção de “*pré-logismo*”³⁰, tomando este termo na acepção de um “lógico” (porque considerado por uma perspectiva lógica) que ainda não o é, conforme as leis dos três Estados do positivismo comteano, um dos principais alvos da crítica de Eudoro de Sousa. Desde este ponto de vista, os mitos constituiriam uma hipertrofia da imaginação e/ou uma carência de lógica ordenadora da realidade. Repare-se que tal expediente parece também ter atribuído exemplarmente o inglório lugar aos Pelasgos na *História*, de Heródoto. O historiador grego confessa balbuciante na célebre obra, assim o entende Eudoro de Sousa, que a religião deste povo anterior ao grego era a mesma religião grega, mas em regime noturno de consciência, aguardando soar a hora da sua logificação³¹, sugerindo, sem o dizer expressamente, que a Religião dos gregos era a mesma Religião dos Pelasgos, embora em regime diurno de consciência, isto é, já domesticada pela lógica descritiva. E se assim o for, não nos é defeso pensarmos que aquela Religião não historiável do discurso de Heródoto, embora supostamente evidente em sua domesticação racional como pré-História da História da Grécia, teria sobrevivido indômita em regime noturno durante todo o tempo da Grécia historiável e, também, na Antiguidade tardia, como assim

²⁹ Cf. Sousa, Eudoro de. *Mitologia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980, p. 83.

³⁰ Eudoro de Sousa designa “*pré-logismo*” a compreensão depreciativa dos atos psicológicos e gnoseológicos de povos considerados pela mentalidade do “civilizado” como “selvagens”.

³¹ O termo “*logificação*” é utilizado por Eudoro de Sousa em sua reflexão acerca do problema da transposição intelectual da experiência própria do drama ritual e das relações entre *philomythia* e *philosofia*. Cf. Sousa, Eudoro de. “Mito e Dialéctica em Platão (Ou Da Transposição Intelectual do Mistério)”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 229.

o atesta o culto aos Mistérios em Elêusis, uma perturbadora incógnita para os historiadores da Antiguidade greco-latina³².

A mesma presumida “*transição historiável*” nas diversas Histórias da Filosofia afeta com igual coeficiente redutor, ainda de acordo com Eudoro de Sousa, o imponderável ou a “*excessividade caótica*” não historiável. A começar pela *Metafísica*, de Aristóteles. O equívoco teria se iniciado com o Estagirita, ávido de historiar não propriamente a Filosofia, mas a atualidade do seu próprio pensamento, fazendo crer aos 24 séculos de doxografia posteriores à sua obra que o caminho da Filosofia em seu nascimento histórico, o chamado *milagre grego*, teria passado, uma única vez e para sempre, do *mythos* ao *logos*. O procedimento metódico pelo qual Aristóteles lançou as bases do que seria reputado a primeira História da Filosofia, considerando Tales de Mileto o início do filosofar, foi o expediente peculiar à exegese alegórica, isto é, abstração intelectual do mito cantado ou dançando em sua realidade própria, esvaziando-o enquanto verdade e prática viva e indomesticável para quem o desempenhava, adaptando-o às afirmações filosóficas prévias de quem se propunha a tarefa de sua análise. Neste sentido, a água de Tales tomada como o princípio de tudo o que existe, só assim o é, para Aristóteles e para toda a doxografia ocidental que se lhe seguiu, por ser concebida como elemento natural dos primeiros pensadores naturalistas ou físicos, portanto, já submetida à alegorização racional, que a identifica ao já pensado racionalmente. Nunca, porém, como um princípio indiferenciado, sempiterno e inexprimível, mais próximo da mítica Estige de Homero³³, uma potência originária de cuja reflexão a seu respeito teria nascido e se mantido a Filosofia como demanda incessante de compreensão de “*todas as coisas, em uma só*”³⁴ ou, o que vem a dar no mesmo, “*uma coisa, sem limites*”³⁵.

³² Cf. Sousa, Eudoro de. “Mitologia e Ritual”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 108: “*Elêusis é o nome de uma povoação vizinha de Atenas. A estrada que unia as duas localidades foi justamente chamada de via sacra, pois desde os alvares da Grécia histórica até o IV século da Era cristã imensa multidão a percorreu, atraída pela fama difundida por todo o orbe, dos sagrados mistérios de Deméter. Todos os anos chegavam inúmeras gentes de todos os quadrantes do mundo helenizado, e mesmo de nações distantes, ao encontro de uma prometida revelação: a noite que envolve os confins da vida e da morte seria vencida por esplendorosa luz e uma palavra romperia o silêncio dos séculos acerca do enigma da humana existência na terra*”.

³³ Cf. Sousa, Eudoro de. “A Água de Tales e A Estige de Homero”. In: *Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 125-127.

³⁴ Cf. Sousa, Eudoro de. *Horizonte e Complementariedade: Ensaio Sobre A Relação Entre Mito e Metafísica, Nos Primeiros Filósofos Gregos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1975, p. 59.

³⁵ *Idem, ibidem*.

Para Eudoro de Sousa, mais acertado seria dizer que a água de Tales compreendida como o *ilimitado* teria sido propriamente (ou constitui efetivamente) a origem da Filosofia, não o seu início histórico, contrariando o pensamento de Aristóteles quanto a este tema. Sobretudo por entender que Tales, assim como diversos outros filósofos da Antiguidade anterior a Sócrates, nunca teria deixado de ser um filósofo fascinado pela Origem não originada e sempiterna de tudo o que existe. Neste sentido, o que Eudoro de Sousa chama de Origem, em franca oposição a “início” e em conformidade com a já mencionada *excessividade caótica*, “*não é um pré-liminar – é um sub-liminar; não é um pré-histórico – é um sub-histórico; não é um pré-consciente – é um sub-consciente*”³⁶. É, pois, como já afirmado, o inefável que não passa com o passar do tempo e, por isso, não historiável. Antes, constitui uma realidade que irrompe toda vez que o autêntico pendor filosófico arrebatava o pensar acerca dos fundamentos de tudo o que há, levando a Filosofia a recomeçar constantemente, não num momento inicial localizável na horizontalidade da cronologia histórica. Por conseguinte, mostra-se deficiente tomá-la na acepção do que antecedeu cronologicamente a vigência de uma atualidade, como Eudoro de Sousa entende ser a intenção de Aristóteles quando procura fazer derivar de uma presumida Antiguidade a atualidade e o suposto acerto das suas próprias doutrinas, no caso, especialmente a da causalidade, com ênfase na causalidade material. Este procedimento caracteriza, conforme Eudoro de Sousa, toda a História da Filosofia³⁷, evidenciando um desejo consciente e contínuo, ao longo dos séculos, de domesticação racional do ímpeto fundador do filosofar, ao identificá-lo a uma doutrina já estabelecida, além de situá-lo num suposto estágio necessário da evolução do pensamento humano, cujo ápice seria esta mesma doutrina que lhe propõe o *status* de início histórico vocacionado a ser superado, como o *mythos* irrevogavelmente o teria sido pelo *logos*, desde o ponto de vista do cultores do *milagre grego*.

Assim, pois, tornemos à “descoberta” de Eudoro de Sousa em suas investigações a propósito da História da Religião, da História da Literatura e da História da Filosofia,

³⁶ Cf. Sousa, Eudoro de. “Orfeu e Os Comentadores de Platão”. In: *Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 108.

³⁷ Cf. Sousa, Eudoro de. “A Água de Tales e a Estige de Homero”. In: *Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 126: “*Pois, de certo modo, a história da filosofia nunca foi senão a história de um conceito de filosofia; a busca através dos tempos, de um intemporal princípio do humano filosofar. Assim os Antigos escreveram a história, assim a escrevem os Modernos: comparando o passado com o presente – a filosofia que foi com a filosofia que é –, e que é tal como se crê que ela seja em todos os tempos que passaram desde a origem*”.

alusivas à Antiguidade Grega: a origem de tudo o que é originado, e, portanto, de tudo que está, conforme a consciência histórica, no horizonte temporal e histórico, não é, ela própria, histórica. Isto significa que a origem das autênticas experiências religiosas, poética e filosófica, isto é, o princípio originário que confere autenticidade ou essencialidade às referidas experiências, estando na totalidade da manifestação das mesmas, e não apenas em seu início, motivo de se não confundi-la com “início” (histórico), não tem História, porque a História só o é do que por esta ciência é conceitualizável e do que é suscetível de transformações através do tempo, excluindo-se o que nem pode ser apreendido pela discursividade lógica da História, tampouco o que não passa com a passagem do tempo. E o que excede a História da Religião, a História da Literatura e a História da Filosofia, todas referentes à Grécia nos estudos de Eudoro de Sousa, ou, o que é excluído do âmbito da História como saber científico, numa acepção mais ampla alcançada pelo pensador em suas chamadas *obras programáticas*, especialmente em *História e Mito*, é aquilo que é recusado pelo homem centrado na atualidade de sua volição e de sua consciência despertas. Recusa que, para Eudoro de Sousa, constitui a característica determinante do homem olvidado de sua Origem, que nada quer saber do sagrado manifesto nos mitos.

O excesso referido é inexaurível, impenetrável e inefável à capacidade discursiva e analítica da ciência da História, e assim o procura demonstrar Eudoro de Sousa nos casos das Histórias da Religião, da Literatura e da Filosofia³⁸. Todavia, ser indizível e não-pensável não significa a inexistência do excesso³⁹. Já chamamos a atenção para a relevância da *excessividade caótica* no pensamento de Eudoro de Sousa, compreendida como a realidade própria da experiência mito-religiosa, uma experiência desprovida de linguagem própria ou silêncio para a racionalidade discricionária, embora cifrada em símbolos, mitos, ritos e dramas rituais⁴⁰. Presentindo a *excessividade caótica* em raros

³⁸ Em sua derradeira obra publicada, *História e Mito*, Eudoro de Sousa torna mais ampla a sua consideração, entendendo ser a referida incapacidade constitutiva da ciência da História, já não mais limitando a sua reflexão a qualquer campo de investigação desta Ciência, como vimos nos casos da Religião, da Literatura e da Filosofia. Cf. Sousa, Eudoro de. *História e Mito*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

³⁹ Diante do que considera a impotência da História em lidar com o que excede as suas categorias de entendimento e os seus métodos próprios, Eudoro de Sousa evoca o *argumentum ex silentio*, pelo qual “*a ausência de prova não prova a ausência*”. Cf. Sousa, Eudoro de. *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 20.

⁴⁰ Estas cifras constituem expressão de um saber sensível de uma “*excessiva sensibilidade*”, pólo oposto à intelectualidade alegorizante que, no caso agora estudado, pretende se ocupar da Religião e dos mitos. Cf. Sousa, Eudoro de. “Um Poema ‘Dionisiaco’ de Álvaro de Campos. In: *Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 333.

momentos de distração e inapto em lhe ser indiferente, ainda que apenas para negá-la como aquilo que escapa à teia do seu pensamento racionalizante – o que supõe a sua inevitável consideração –, o homem moderno e de racionalidade imperativa, cujo saber próprio seria a História, conforme Eudoro de Sousa, paralisa-se diante de sua ocorrência e emudece, assaltado por um sentimento de *estranheza*⁴¹. Daqui se configura o imprescindível tema do Mistério no pensamento de Eudoro de Sousa, cerne do seu entendimento acerca da experiência religiosa e que consolidará a afirmação do pensador quanto à não-historicidade da Religião e, conseqüentemente, frustrando qualquer proposta de História da Religião.

Mistério é, num primeiro, mais evidente e vulgar sentido, nome conhecido e atribuído com valor depreciativo pelo pensamento discricionário à realidade ignota que este mesmo pensamento designa como a experiência do absurdo, representação da tenebrosidade ou ainda “*vergonha*”, “*inépcia*” e “*impossibilidade*”⁴² para o expediente que procura pelo método alegórico intelectualizar o que não é inteligível. Mistério é, portanto, silêncio para a loquacidade intelectual do homem. Quer no sentido etimológico da palavra grega *μυστήριον* (*mysterion*) com o significado de “fechar-se” (lábios, olhos, chagas) e imposto por interdição hierática aos iniciados nas antigas religiões de mistérios⁴³, com o intuito de preservação da verdade cultuada por estas religiões; quer como inefabilidade própria às pausas existentes entre as palavras de um discurso, pausas que, no pensamento de Eudoro de Sousa, acusam a própria, abissal e originária

⁴¹ Sobre o tema da *estranheza*, cf. Sousa, Eudoro de. *Mitologia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980, p. 17: “*Talvez não haja ser humano que, pelo menos uma vez na vida, não se tenha sentido exilado no mundo a que se afeiçoou e que se lhe afeiçoou, no mundo em que se entranhou e que se lhe entranhou. Súbito arrebatamento de estranheza fará que de si para si pense e diga: ‘Este mundo não é o meu’. Acertado é que o diga e pense, quando já não o reconhece como obra sua*”; cf. *Idem, ibidem*: [...] “*o homem só se sente invadido de estranheza em relação ao mundo que dele fora, quando já vive em outro que dele começa a ser, porque ele mesmo em outro se veio tornando*”. Cf. *Idem, ibidem*: [...] “*há que nos resignar à situação paradoxal de ter de procurar o ser deste homem no ser deste mundo, e o ser deste mundo no grau de humanidade deste homem, e isto, enquanto não lhe sobrevinha o sentimento de estranheza que denuncia a mutação do projeto - do projeto, não o esqueçamos, que coordena ‘homem’ e ‘mundo’*”. Cf. também: Sousa, Eudoro de. *História e Mito*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981, p. 5: “*E o milagre aí está, sempre que nos estranhemos das coisas antigas e distantes, ou estas se estranhem de nós. Então, pouco ou nada importa que grande ou pequena seja a distância ao ‘aqui’, ou maior ou menor seja a antiguidade, relativamente ao ‘agora’*. Não importa. Mesmo na proximidade, na proximidade que fica adentro da unidade métrica do espacial distante e do temporal antigo, quando nos estranhemos das coisas ou as coisas de nós se estranham, a estranheza, se pode ser encarada como sinal de conflagrador alheamento ao mundo cujos contornos são delineados pela experiência vulgar e comum, também deve ser considerada como sinal de que, por querer ou sem querer (mais verossímil é o ‘sem querer’), transpusemos o limiar de outro, a que, no fundo de nós, não éramos alheios”.

⁴² Cf. Sousa, Eudoro de. “Teísmo, Cosmobiologia e O Princípio da Complementaridade”. In: *Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 182.

⁴³ Assim chamadas pelas Histórias da Religião.

possibilidade de haver palavras e discurso, consistindo por isso a matriz ou a origem da linguagem, como o ser o é dos múltiplos entes intramundanos⁴⁴.

Em ambos os casos o silêncio impossibilita o labor próprio do conhecimento racional através de seus métodos e categorias habituais, com especial ênfase, desde o ponto de vista do nosso interesse neste artigo, para a ciência da História. Na primeira acepção do silêncio aqui apresentada, Eudoro de Sousa ressalta a inexistência de fontes ou documentos que direta e convincentemente, como o prescrevem e exigem os métodos historiográficos, poderiam elucidar e demonstrar a insólita experiência aos olhos interessados dos investigadores. Quando muito o que se tem como fonte disponível, no caso exemplar da celebração dos Mistérios de Elêusis, manifestação religiosa mais estudada por Eudoro de Sousa neste sentido, embora não a única, é o discurso transfigurado de supostos apóstatas, assim o atesta o último livro de *O Asno de Ouro*, de Apuleio, ou a presumida violação da interdição por alguns de seus iniciados, como parece ter sido o caso de Ésquilo, a se inferir pelo “*processo de impiedade que lhe moveu a cidade de Atenas*”⁴⁵. Na segunda acepção, não é a interdição ritual, senão a inefabilidade constitutiva da experiência religiosa que se interpõe no caminho metódico da cognição, desconcertando-o. E para Eudoro de Sousa, frequentemente o pensar se detém à beira do “absurdo”, não se arriscando ao perigo de começar a sua atividade a partir do Mistério, seja porque não saiba, à partida, o que é o Mistério, seja porque entenda ser “mistério” palavra que, desde o ponto de vista do ordinário pensar, carrega um sentido desabonador, isto é, não se reduz a qualquer objeto ou conceito do pensamento racional, sendo, portanto, impossível conhecê-lo intelectualmente por incapacidade inata da racionalidade abordar o que é avesso à categorização e à metodização, como para Eudoro de Sousa é o caso da experiência religiosa.

Todavia, nem estas afasia e paralização do pensamento intelectual são capazes de deter o ímpeto de Eudoro de Sousa na tarefa de, paradoxalmente, pensar e dizer (como pensar e dizer o possa) a experiência religiosa, cerne da sua proposta de Mitologia.

⁴⁴ Cf. Sousa, Eudoro de. *Horizonte e Complementariedade: Ensaio Sobre A Relação Entre Mito e Metafísica, Nos Primeiros Filósofos Gregos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1975, p. 195: “*Aí reside o silêncio. O silêncio imitado por todas as silentes pausas da linguagem humana. O silêncio das pausas que não se devem tomar por ausência de palavras, mas como a própria possibilidade de palavras existirem; ausência, portanto, que reforça a presença das palavras presentes. Esse silêncio está para a linguagem como o ser está para os entes que o ocultam, quando nos entes se revelam*”.

⁴⁵ Cf. Sousa, Eudoro de. “As Núpcias do Céu e da Terra”. *A Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaos Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000, p. 57.

Sobretudo porque, considerando-a silêncio para a Filosofia e para a História (e demais ciências sociais e humanas), o mitólogo luso-brasileiro indaga-se acerca daquilo para o qual o silêncio é silêncio nas celebrações rituais antigas e nas espontâneas experiências religiosas de transposição da comum realidade. Reconhecido o prodígio ou o sentimento de *estranheza* na revelação espontânea e não pensada da *excessividade caótica*, próprio da experiência religiosa, mas não menos das experiências poética e filosófica, e que constitui o motivo do silêncio para a capacidade enunciativa da racionalidade científica e filosófica, Eudoro de Sousa especula a respeito de uma saída para o impasse posto pelo confronto entre, por um lado, a infabilidade da experiência “muda” do Mistério e, por outro, o desejo e a necessidade de lhe conferir expressão. Mas expressão que não signifique nem separação, seleção e exclusão para haver compreensão⁴⁶, nem a sua limitação a categorias formais de entendimento, o que anularia a espontaneidade da insólita experiência. Eis que a Fenomenologia faz a sua aparição difusa no pensamento de Eudoro de Sousa.

Proposta por Edmund Husserl (1859-1938) e desenvolvida posteriormente por uma plêiade de filósofos, com impacto decisivo na Filosofia contemporânea, a Fenomenologia tanto se interessa por uma abordagem do mundo e do homem tomados como realidades anteriores ao conhecimento lógico-discursivo, das quais este conhecimento fala sempre e com relação às quais toda determinação filosófica e científica é abstrata, significativa e dependente, quanto especula a respeito de um saber anterior a haver pensamento e linguagem. Para o nosso interesse neste artigo importa-nos focar a tarefa assentada pela Fenomenologia de fazer o pensamento regressar às “*coisas mesmas*” pelo método redutivo⁴⁷, significando isso que a reflexão fenomenológica deveria cumprir a tarefa de demandar a fundação primeira do pensamento e da linguagem e, assim, alcançar a garantia de segurança e autossuficiência do próprio conhecimento⁴⁸. Já o interesse inelutável de Eudoro de Sousa pela Origem irreduzível de tudo o que veio e vem a ser⁴⁹ acusa o ímpeto fenomenológico de demanda de um fundo de irreflexão da

⁴⁶ Cf. Bastos, Fernando. *Mito e Filosofia. Eudoro de Sousa e A Complementaridade do Horizonte*. 2ª. Edição. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998, p. 48: [...] “para Eudoro de Sousa, a inteligibilidade, considerada esta como razão discursiva e conceptual, devido aos seus esquemas de seleção e conseqüente exclusão que lhes são próprios, não consegue explorar o inexplorável, exaurir o inexaurível e não consegue, portanto, compreender ou vislumbrar o mito”.

⁴⁷ *Epokhē* ou *redução eidética*.

⁴⁸ Cf. Husserl, Edmund. “Primeira Meditação. Rumo ao ‘Ego’ Transcendental”. In: *Meditações Cartesianas. Introdução à Fenomenologia* (tradução: Frank de Oliveira). São Paulo, Madras Editora Ltda, 2001, p. 25-44.

⁴⁹ Especialmente daquilo que constituirá na sua proposta de Mitologia os vértices do triângulo complementar e simbólico: Deus, homem e natureza. Por *Triângulo da Complementaridade e do Simbólico*,

experiência na vida, buscando direcionar essa demanda ao fundamento primeiro, no sentido de Origem e não de “início”. Desde o ponto de vista da sua manifestação fenomênica no mundo, este fundo é considerado ao longo dos textos de Eudoro de Sousa como o Mistério da experiência religiosa (e também poética e filosófica), experiência que não é apreciada em sua aparência empírica, enformada por predicções a si exteriores, senão como aparição espontânea e antepredicativa.

Ainda que em Eudoro de Sousa não haja *expressis verbis* a pretensão de regresso às “*coisas mesmas*” como prescrição de um método fenomenológico, sobretudo porque a acepção que “*coisa*” assume em seu pensamento conduz antes à objetivação racional e utilitária humana, portanto, ao extremo oposto à suposta *quididade* da experiência religiosa, motivo de sua crítica às Histórias da Religião, patenteia-se ao longo de sua obra um apelo à Fenomenologia como possível solução para o problema da História⁵⁰. Especialmente no que concerne aos estudos da chamada “pré-história” da Religião Grega

Eudoro de Sousa compreende uma figura triangular radicalmente equilátera, – característico de todo símbolo e de todo mito – composto em seus vértices por divindade, sensibilidade e natureza, ou, noutra modo eudoriano de o dizer, por Deus, Homem e Natureza. Eudoro de Sousa imagina o seu triângulo mítico inscrito num círculo e girando “*em torno de um eixo perpendicular ao centro*”, movimento gerador de um jogo de espelhos pelo qual deuses, homens e mundos, os vértices do triângulo, se anelam em “*sua caleidoscópica aparição*” e se mostram como realidade despojada de qualquer ilusória onticidade estanque e específica, ou antes, se nudificam como dinamicidade e co-presença recíproca na comutação dos lugares. Na ronda em que cada vértice só o é com os outros dois, soando em uníssono e patenteando, assim, a co-partinência harmônica destes três vértices a algo que os supera quando tomados isoladamente, o *Triângulo eudoriano*, ou ainda, a sua intimidade, em que um deus potencia homem e mundo, e mundo e homem, potenciados, “medem” ou “desvelam” a potência do deus, dizíamos, a intimidade do *Triângulo eudoriano* assim caracterizado, se mostra como “*lugar*”, abertura, fissura, porosidade, em que do além se passa para o aquém e vice-versa, trânsito essencial constante em todo mito como tema fundamental. Ele é complementar visto a partir das bases, cujos vértices são homem e natureza, e simbólico visto pelo vértice superior, correspondente a Deus. Simbólico porque Deus projeta, num único arremesso, homem e mundo/natureza como aspectos que, embora diferenciados, co-participam de uma mesma realidade íntima, divina e unívoca. Por conseguinte, complementar porque os opostos ou diferenciados da base (homem ou sensibilidade e mundo ou natureza) apelam para a sua coincidência no vértice superior (Deus), que não é homem nem mundo, mas em que homem e mundo são indiferentes, não havendo jamais, onde e enquanto houver a presença de uma divindade no vértice superior, oposição insanável entre homem e mundo, vértices da base do triângulo. Cf. Sousa, Eudoro de. *História e Mito*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981, p. 79, 83, 84; Cf. Paulo Alexandre Esteves Borges. O Sacrifício que Torna O Mundo Possível. A Essência da Manifestação em Eudoro de Sousa. Revista Portuguesa de Filosofia. Tomo XLVIII, 4, 1992, p. 624.

⁵⁰ Para a ocorrência do tema da Fenomenologia na obra de Eudoro de Sousa, cf. Sousa, Eudoro de. “Mitologia e Ritual”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaio*s (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 93-117; Sousa, Eudoro de. “Mito Pré-Helénico e Mitologia Grega”. *Idem*, p. 119-140; Sousa, Eudoro de. “O Mito de Psique e A Simbólica da Luz”. *Idem*, p. 195-220; Sousa, Eudoro de. “Mito e Dialéctica em Platão (Ou da Transposição Intelectual do Mistério)”. *Idem*, p. 221-231; Sousa, Eudoro de. “As Núpcias do Céu e da Terra”. In: *A Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaio*s *Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000, p. 55-65; Sousa, Eudoro de. “Duas Perspectivas da Helenidade. Filologia Clássica e Filologia Romântica”. *Idem*, p. 45-53; Sousa, Eudoro de. “Origem da Poesia e da Mitologia no Drama Ritual”. *Idem*, p. 67-95; Sousa, Eudoro de. “Orfeu e Os Comentadores de Platão”. *Idem*, p. 105-109; Sousa, Eudoro de. “Recensão do Livro de Carlo del Grande”. *Idem*, p. 117-120; Sousa, Eudoro de. “Orfeu, Ou Acerca do Conceito da Filosofia Antiga (Prefácio e Posfácio de Um Livro Inédito)”. *Idem*, p. 129-141; Sousa, Eudoro de. “Antropologia, Psicologia e Clássicos”. *Idem*, p. 239-245.

antiga⁵¹ e, conseqüentemente, ao seu ímpeto de fazer Mitologia. Acusada a impotência da ciência da História na tarefa de determinar e explicar desde o presente do historiador a experiência religiosa de povos ante-históricos⁵², Eudoro de Sousa concebe a referida experiência como um súbito irromper espontâneo do fundo mais obscuro, oculto e inefável, a impactar a realidade mundana e humana. Uma repentina aparição da *excessividade caótica*, irreduzível a qualquer aparência e a qualquer discurso metódico e categorial. Neste sentido, a experiência religiosa, em sua autenticidade, isto é, livre dos prévios atributos categoriais e alegóricos da discursividade humana, constitui fenômeno ou revelação do Mistério, radicalmente distinto de um objeto de investigação das ciências e da Filosofia. E como tal, ela é fenomenologicamente necessária, mas sem existência histórica⁵³. Daí a peculiar concepção de uma Fenomenologia da Religião no pensamento de Eudoro de Sousa, que, não obstante carecer de desenvolvimento teórico e não estar conectada a qualquer das principais tendências assumidas pelo movimento fenomenológico na Filosofia durante o século XX, lhe é patente ao longo dos seus escritos como possível alternativa à inaptidão da ciência da História em lidar com o fenômeno religioso.

Inconformado com o contentamento da ciência em ser metódica, isto é, de pretender subjugar a imediaticidade e a espontaneidade da verdade a um procedimento formal, que não é senão artifício redutor da irrupção fenomênica da realidade⁵⁴, assim como pressentindo, sob regime de fascinação, uma remotíssima presença na experiência humana irreduzível à sua consciência empírica e discricionária, motivo de seu incansável perscrutar acerca da experiência da *excessividade caótica*, compreendida como autêntica experiência religiosa ou manifestação do Mistério, Eudoro de Sousa considera a relevância da superação da História pela Fenomenologia. Mas como cumprir

⁵¹ Cf. Sousa, Eudoro de. “As Núpcias do Céu e da Terra”. In: *A Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000, p. 58.

⁵² Eudoro de Sousa entende também ser possível, nos povos ditos históricos, a ocorrência da inefável experiência antepredicativa, como já chamamos a atenção quando assinalamos a noção de *sentimento de estranheza* em seu pensamento a propósito do Mistério.

⁵³ Cf. Sousa, Eudoro de. “Mitologia e Ritual”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 101: [...] “um drama ritual, sem poesia ou filosofia explicitantes, ainda que fenomenologicamente necessário, não tem existência histórica”. Cf. também: *Idem*, p. 105: “Decerto, isto já não é história, mas pura fenomenologia”.

⁵⁴ Cf. Sousa, Eudoro de. “Orfeu, ou Acerca do Conceito da Filosofia Antiga (Prefácio e Posfácio de Um Livro Inédito)”. In: *A Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000, p. 135: [...] “o método não é senão uma rota de descobrimentos, traçada pelo aventureiro que ao abrigo da certeza arribou, depois de muito haver errado. Não erra quem segue um método; mas novas terras não descobre”.

efetivamente a tarefa daquilo que Eudoro de Sousa entende por Fenomenologia da Religião? Como acessar o ignoto, além de por ele ser alcançado? Como pensar e enunciar o Mistério, realidade que excede a História, o historiável e a historicidade?

Ainda que muito relevante para a discussão da abordagem de Eudoro de Sousa a respeito da Fenomenologia da Religião, a tentativa de resposta a estas indagações não constitui objeto deste artigo. Não pelo menos com a desenvoltura que merece⁵⁵. Importa-nos aqui apenas assinalar a ênfase atribuída à Fenomenologia no pensamento de Eudoro de Sousa, compreender em que ela consiste e qual é a sua relevância, bem como contrapô-la à ciência da História em seu anseio de estudar a experiência religiosa. Desde esta perspectiva, e à maneira de conclusão deste trabalho, lembramos que a Fenomenologia é tomada por Eudoro de Sousa, primeiramente, no “*étimo significado*” da palavra⁵⁶, isto é, como aparição ou, no caso da Religião, “*irrupção de consciência [religiosa] profunda*”⁵⁷, em confronto com a aparência que a predicação intelectual e discursiva atribui à realidade, em geral, e à experiência religiosa, em específico. Ou ainda: irrupção da consciência noturna no regime de consciência diurna. Nesse sentido, a sua concepção de Fenomenologia da Religião está mais em consonância com o pensamento do egiptólogo holandês Gerardus van der Leeuw, para quem, a propósito da Fenomenologia da Religião, interessava menos o método sistemático de compreensão da experiência religiosa do que propriamente a cognição vivenciada do seu conteúdo⁵⁸. Também ressaltamos que, em seguida e associada à perspectiva etimológica, a Fenomenologia para Eudoro de Sousa significa a experiência direta de uma vivência religiosa ou experiência de uma revelação, cuja expressão própria, mais congruente com a ação do que com o verbo, nem pode ser vertida, nem retro-vertida em linguagem⁵⁹ supostamente iluminada por luz sófica, como pretende os métodos alegóricos.

⁵⁵ É intenção do autor deste artigo publicar em breve uma série de estudos que pretenderá cumprir esta tarefa.

⁵⁶ Cf. Sousa, Eudoro de. “‘História’ e ‘Poesia’ na Tradição”. In: *A Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000, p. 254.

⁵⁷ Cf. Sousa, Eudoro de. “Mito Pré-Helénico e Mitologia Grega”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 139.

⁵⁸ A respeito da Fenomenologia da Religião, a única referência bibliográfica citada por Eudoro de Sousa se encontra no artigo “Mitologia e Ritual”, em cuja nota 6 diz: “*Citado por G. van der Leeuw, Phänomenologie der Religion, Tübingen, 1933, p. 427*”. Cf. Sousa, Eudoro de. “Mitologia e Ritual”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 101.

⁵⁹ Cf. Sousa, Eudoro de. “Orfeu e Os Comentadores de Platão”. In: *A Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos* (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000, p. 108.

Em vista disso, o estudo da aparição/irrupção e da experiência não mediada deste misterioso fenômeno, no pólo oposto (embora possivelmente complementar) à logificação do ato/ocorrência que em si e por si se mostra significativo/a para quem dele/dela participa⁶⁰, fundamentar-se-ia, desde um ponto de vista epistemológico e considerando os argumentos acima expostos, na compreensão de uma Fenomenologia da Religião que não considerasse a autêntica experiência religiosa (manifestação própria da *excessividade caótica*) uma aberração pré-lógica, no sentido de ilógico⁶¹, ou como uma realidade derivada de um sistema de pensamento previamente estabelecido, como o faz a História da Religião, conforme a crítica delineada por Eudoro de Sousa.

Para Eudoro de Sousa realizar tal Fenomenologia da Religião seria propriamente a tarefa da Mitologia, desde que esta cumprisse o seu papel de investigação da paradoxal descrição simbólica (e não alegórica) do indescrito ocultado nas narrações dos mitos, ou antes, do indescritível que sempre lhes preside. Isto porque, contrariamente ao discurso indireto da alegorese implicado nas Histórias da Religião, que diz o que é pelo que não é, portanto, não o diz, ou que cinde o conhecimento e o dizer, por um lado, e a ação, por outro, para Eudoro de Sousa o simbólico é a linguagem própria da Religião por ser constitutivo do símbolo a capacidade de conectar o que fora separado ou religar aquilo que, desde um ponto de vista intelectual, se reduz a objetos de uma discursividade exterior a estes mesmos objetos ou coisas⁶². Neste sentido, símbolo, simbólico e ritual (anterior ao verbo) guardam relações de intimidade entre si, na medida em que pelo ritual as coisas

⁶⁰ Cf. Sousa, Eudoro de. “Mitologia e Ritual”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 95.

⁶¹ Comentando a perspectiva positivista que atribui o qualificativo “pré-lógico” à consciência dos povos ante-históricos, afirma Eudoro de Sousa: “*A mais séria objecção, talvez assente no mal entendido significado do termo: ‘pré-lógico’ não quer dizer ‘ilógico’, mas tão-só que a lógica do primitivo não articula a realidade apreensível, mediante as mesmas categorias do civilizado*”. Cumpre dizer que os termos “primitivo” e “civilizado” cumprem um papel metódico de diferenciação entre tipos de consciência no discurso de Eudoro de Sousa, não sendo investidos de qualquer carga valorativa que dignificasse um em detrimento do outro. Cf. Sousa, Eudoro de. “Mitologia e Ritual”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 97.

⁶² Para Eudoro de Sousa, do étimo *syμβάλλειν*, com o significado de o “co-jogado”, o “unido a partir de um só arremesso”, e nunca como um sinal representativo de outra coisa, símbolo [...] “*é a síntese sensível do que a coisa é em si mesma e do que ela é na sua significação; quer dizer, o que na prática da vida banal é coisa particular significativa, converte-se, na excepcionalidade da exaltação festiva, no ser universal da própria significação*”. Síntese, portanto, do ser e da significação, operada num tipo de ação celebrativa em que deuses e homens presentificam-se uns aos outros. Esta ação é propriamente o ritual desempenhado nos cultos religiosos e que promove a transfiguração das coisas e do próprio homem por ascese a um mais alto grau de realidade, em que esses mesmos homem e coisas passam a ser diretamente o que numa exegese alegórica apenas indiretamente significavam. Cf. Sousa, Eudoro de. *Mitologia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980, p. 83. Cf. também: Sousa, Eudoro de. “Mitologia e Ritual”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 99.

se excedem em sua banalidade cotidiana, ou superam o “*encantamento*”⁶³ em que se encontram confinadas, e devêm símbolos, reconectando-se ou religando-se à Origem – e não ao “*início*” racional, cronológico e histórico – de onde procederam e que as sustentam em regime subliminar.

É, pois, desde o âmago desta íntima relação referida, em que os símbolos são compreendidos como “coisas” acrescidas de seu ser-Origem, que, para Eudoro de Sousa, a Mitologia assomaria como um pensar a experiência religiosa anterior ao seu processo de racionalização, ou ainda, anterior à separação entre mito e rito, isto é, como drama ritual. E como tal, configuraria uma Fenomenologia da experiência religiosa, cuja linguagem e operosidade investigativa exigisse de quem se aventurasse a realizá-la uma descida ao limite da dizibilidade lógico-discursiva e uma simultânea ascensão ao limiar da indizibilidade, que é o discurso pleno de outra cognição e de outro dizer acerca da “paixão noturna” pelo inefável, sempiterno e excessivo, subjacente e subagente à totalidade da realidade existente. Este é, portanto, o fundamento e a justificação do projeto de Mitologia de Eudoro de Sousa, consoante à sua concepção de Fenomenologia da Religião em oposição à História da Religião, como explícito nas suas duas derradeiras obras publicadas, *Mitologia* e *História e Mito*.

Referências

- BASTOS, F. **Mito e Filosofia**. Eudoro de Sousa e A Complementaridade do Horizonte. 2ª. Edição. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.
- BORGES, P. A. E. O Sacrifício que Torna O Mundo Possível. A Essência da Manifestação em Eudoro de Sousa. **Revista Portuguesa de Filosofia**. Tomo XLVIII, 4, p. 617-648. 1992.
- CARVALHO NETO, I. P. **Mistério, Repetição e Poesia**: História e Trans-Historicidade no Pensamento de Eudoro de Sousa. Tese de Doutoramento em Filosofia não publicada. Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2020.
- CÉSAR, C. M. *et al.* Mito e Cultura: Vicente Ferreira da Silva e Eudoro de Sousa. **Actas do V Colóquio Tobias Barreto**. Lisboa: Edição Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, 2001.
- HUSSERL, E. **Meditações Cartesianas**. *Introdução à Fenomenologia (tradução: Frank de Oliveira)*. São Paulo, Madras Editora Ltda, 2001.
- SOUSA, E. **Horizonte e Complementaridade: Ensaio Sobre A Relação Entre Mito e Metafísica, Nos Primeiros Filósofos Gregos**. São Paulo, Duas Cidades; Brasília, Universidade de Brasília, 1975.

⁶³ Sobre o que Eudoro de Sousa entende por “*encantamento coisístico*” cf. Eudoro de. “Mitologia e Ritual”. In: *Dioniso em Creta e Outros Ensaios* (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 96: “*Desencantar as coisas, quebrar-lhes o encanto, é dissolver-lhes os contornos rígidos, fundir-lhes a solidez de uma morte aparente nas águas santas da metamorfose. É o que faz todo drama ritual*”.

- SOUSA, E. **Mitologia**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980.
- SOUSA, E. **História e Mito**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.
- SOUSA, E. **Origem da Poesia e da Mitologia e Outros Ensaios Dispersos** (organização de Joaquim Domingues; apresentação de Paulo A. E. Borges). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- SOUSA, E. **Dioniso em Creta e Outros Ensaios** (introdução de António Telmo). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

Recebido em: 17/02/23

Aprovado em: 27/06/23